

A LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA: RESPOSTAS AOS ESTEREÓTIPOS COLONIAIS E O IMPACTO NO PROCESSO DE AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Maria Geovanna Machado (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Hilton Costa (Orientador). E-mail: hcosta@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas/ Sociologia

Palavras-chave: Pensamento social; Literatura indígena; Estereótipos.

RESUMO

Este artigo analisa, por meio da literatura indígena, as respostas elaboradas pelos povos originários aos estereótipos historicamente construídos e reproduzidos desde os primeiros registros coloniais sobre suas culturas. O método que rege tal pesquisa se baseia na análise bibliográfica de dois blocos distintos de obras. O primeiro diz respeito à obras literárias e documentos oficiais que contribuíram e contribuem para a criação, propagação e manutenção de estereótipos acerca dos povos originários, e o segundo bloco à obras de autores e autoras indígenas que tratam das histórias e identidades de seus povos através da literatura, desconstruindo estereótipos e reforçando seus direitos fundamentais, como a autodeterminação. Ao contrapor essas duas perspectivas, a pesquisa evidencia o papel da literatura indígena como ferramenta de denúncia, luta e resistência.

INTRODUÇÃO

O modo de vida e costumes que compõem as diferentes culturas, dos diversos povos indígenas do Brasil, são alvos de olhares preconceituosos e de interpretações que desvalidam seus costumes, crenças e reivindicações. De acordo com o autor e ativista indígena Daniel Munduruku,

O que sabemos é que os europeus deixaram escrito. Claro que estes textos abordam uma visão eurocêntrica, ou seja, a partir dos princípios e visão – por vezes religiosa – dos europeus. Nessa visão, os indígenas brasileiros eram selvagens, atrasados, desorganizados, canibais e preguiçosos. Nem humanos eram (Munduruku, 2010, p. 95).

Com mais 500 anos desde o primeiro contato entre os povos originários e invasores europeus, a visão que ainda circula tanto em ambientes educacionais quanto do senso comum é a do homem branco, despreocupado com a valorização da diversidade e empenhado no extermínio literal e epistêmico dos povos originários.

O principal objetivo deste projeto é identificar através de autores como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Graça Graúna, as respostas dadas aos estereótipos criados e propagados, desde a colonização, pela literatura branca e eurocentrada. Um segundo objetivo é identificar as características próprias da literatura indígena a fim de entender como tal ferramenta atua no processo de autodeterminação dos povos originários do Brasil.

REVISÃO DE LITERATURA

Em um primeiro momento, a pesquisa teve como foco o levantamento e análise de documentos e obras literárias que representassem os povos originários brasileiros a fim de procurar nelas o registro de representações estereotipadas desses povos. Tal etapa teve como propósito ilustrar brevemente a construção de estereótipos acerca das identidades indígenas a fim de confrontá-las com as elaborações feitas pelos principais autores e autoras indígenas da atualidade.

Sobre a metodologia própria do primeiro bloco analítico, buscamos compreender as obras no seu ambiente de produção e reprodução. Para isso utilizamos como base os referenciais do contextualismo linguístico de John Pocock, buscando compreender as obras dentro do ambiente intelectual e político em que foram reproduzidas. Por sua vez, o segundo bloco de análise se debruçou sobre obras de autoria indígena, e foi guiado metodologicamente pelas reflexões da autora Graça Graúna sobre a formação da literatura indígena no Brasil

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos documentos analisados durante a investigação sobre a produção e reprodução de estereótipos foi o livro *História da província de Santa Cruz* escrito por Pero de Magalhães Gandavo, no ano de 1576, sendo o primeiro livro publicado sobre o Brasil. Em tom de propaganda, Gandavo exalta as riquezas da terra com o intuito de atrair portugueses para a nova colônia. No entanto, dedica três dos catorze capítulos à descrição dos indígenas. Nesses capítulos o autor trata de aspectos físicos desses povos, que são retratados como sendo “de côr baça, e cabelo corredio; tem o rosto amassado, e algumas feições dele à maneira de Chins” (Gandavo, 1980, p.122) e devido aos adornos que perfuravam a pele o autor os considera “feios e disformes” (Gandavo, 1980, p. 126). Gandavo assume a existência de diversas nações indígenas, mas afirma que não possuem diferenças significativas entre seus costumes e crenças, o que revela um conhecimento superficial sobre tais povos que generaliza e desconsidera suas particularidades.

Além da descrição física, o autor também descreve a moral e os costumes indígenas de forma muito negativa, dizendo:

[...] sam desagradecidos em gran maneira, e mui deshumanos e crueis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo. Vivem todos mui descansados sem terem outros pensamentos senam de comer, beber, e matar gente [...] (Gandavo, 1980, p. 122).

Todas as representações do autor se direcionam a formulação de uma imagem do indígena que é mau, irracional, selvagem, promíscuo e incivilizado. Tal incivilidade é defendida principalmente quando o autor associa a suposta irracionalidade dos povos indígenas à ausência de letras como F, L e R em suas línguas, relacionando isso à falta de fé, lei e rei, pilares fundamentais da civilização europeia. Essa associação linguística reforça a ideia de que os indígenas viviam em um estado de desordem e barbaridade.

Na contramão das obras estereotipantes, como o livro de Gandavo, a literatura indígena, de acordo com Graça Graúna, se forma como uma das ferramentas de luta e denúncia da história de opressão sobre os povos originários desde a invasão europeia. Além da agenda de denúncia a autora aponta que a literatura indígena tem um objetivo muito bem definido, que é a propagação da possibilidade de existência de um outro mundo, e:

Visando à construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos não indígenas, pois trata-se de uma questão muito delicada e muito debatida hoje entre os escritores indígenas (Graúna, 2013, p. 55).

Existem inúmeros outros apontamentos relevantes, para a compreensão da literatura indígena, elaborados por Graça Graúna, porém nesse momento iremos nos concentrar em três aspectos, aqui classificados como centrais, sendo eles a denúncia histórica, a construção de outros mundos e a reflexão sobre as identidades indígenas. A observação desses tópicos, aplicados em obras de autores como Ailton Krenak, Daniel Munduruku e Eliane Potiguara, revela uma oposição direta ao legado de estereótipos deixados pela literatura eurocentrada, e para ilustrar tal oposição iremos analisar uma obra de cada um desses autores.

A começar pelo aspecto da denúncia histórica, podemos citar a obra *O karaíba: uma história do pré-brasil* de Daniel Munduruku, nessa história fictícia, o autor retrata o embate entre três povos indígenas em torno de uma profecia apocalíptica feita por um karaíba, um sábio nômade e solitário. Tal profecia previa o nascimento de um guerreiro que seria responsável por unir os povos indígenas a fim de combater um grande mal que se aproximava. O “mal” em questão, diz respeito à chegada dos invasores europeus, que são anunciados como monstros destruidores de memórias e caminhos.

Sobre o aspecto literário da construção de outros mundos, podemos citar o autor Ailton Krenak e sua obra *Futuro Ancestral*. Nela o autor apresenta um conjunto de textos que provocam reflexões sobre as perspectivas de futuro a partir da sabedoria própria das tradições indígenas que interpretam e transmitem os ensinamentos que a própria natureza elabora, como exemplifica na seguinte passagem:

Não vamos deixar de morrer ou qualquer coisa do gênero, vamos, antes, nos transfigurar, afinal a metamorfose é o nosso ambiente, assim como das folhas, das ramas e de tudo que existe (Krenak, 2022, p.43).

Sobre o último aspecto, da reflexão sobre as identidades indígenas, mobilizaremos a autora Eliane Potiguara e sua obra *Metade cara, metade máscara*. Nela a autora narra o processo de migração forçada de sua família em decorrência da violência e racismo sofridos por embates territoriais, e através de uma escrita que mescla autobiografia, romance e poesia aproxima o leitor de sua trajetória de autoidentificação, busca por raízes ancestrais e reaproximação da comunidade indígena de origem.

CONCLUSÕES

Com isso, compreendemos que a literatura eurocentrada consolidou um repertório de estereótipos sobre as identidades indígenas, que contribuíram para o extermínio literal e epistêmico dos povos originários. Como resposta, autores e autoras indígenas tomam a literatura como uma ferramenta de denúncia e crítica histórica, de disseminação de outras possibilidades de existência e de reafirmação de suas verdadeiras identidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq e a Fundação Araucária pela concessão do financiamento que possibilitou a realização da pesquisa, e ao professor Hilton Costa pelo apoio e orientação que prestou durante todo o processo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

GANDAVO, P. **Tratado da terra do Brasil; História da província de Santa Cruz**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

GRAÚNA, G. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MUNDURUKU, D. **O Karaíba – uma história do pré-Brasil**. Barueri, São Paulo: Amarylis, 2010.

POCOCK, J. G. A. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp. 2003.

POTIGUARA, E. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.